Il Encontro Nacional de Grupos de Consumo Responsável



Instituto Kairós Parelheiros, São Paulo/SP 23 a 25 de Agosto de 2013

Índice

Introdu	JÇÃO	З
	Programação	4
	Participantes.	
	1	
10 dia:	de onde partimos	7
	Localização dos grupos no mapa	7
	Linha do tempo.	8
	Tipos de Produtos	8
	Expectativas e objetivos do encontro.	9
	Apresentação sobre Parelheiros	
	Contexto do encontro	
	Regate do que já construímos como Rede de Grupos de Consumo	11
20 dia:	Onde estamos	. 13
	GTs - Foco: Experiências dos Grupos de Consumo por tema	
	GTs Momento 3 – Foco na Rede	
	Apresentação do projeto: "Produção e consumo responsável nas redes territoriais:	10
	cooperação e articulação federativa para o comércio justo e solidário"	17
30 dia:	Plano de Ação	. 21
	Apresentação das experiências dos GCRs que atuam com consumidores de baixa renda.	21
	Objetivos da Rede	26
	Plano de Ação	27
	Encaminhamentos	30
	Avaliação	31
Ativida	ides Extras	. 33
	Bate-papo sobre o que é mercado para a economia solidária, a partir da ótica dos grupos	de
	consumo	
	Práticas de utilização de softwares de gestão dos Grupos de Consumo	
Observ	ações gerais, cabide e outros destaques	.38
2.230.		
Lista d	e anexos	40

Introdução

O II Encontro Nacional dos Grupos de Consumo Responsável foi organizado de 23 a 25 de Agosto de 2013 pelo Instituto Kairós, por meio de parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), como atividade do projeto "Produção e consumo responsável nas redes territoriais - cooperação e articulação federativa para o comércio justo e solidário".

Dois anos antes, em Agosto de 2011, foi realizado o I Encontro dos Grupos de Consumo Responsável, no âmbito de projeto do Kairós com a Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério de Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA), e teve a participação de 13 grupos de consumo responsável. Agora, esse II Encontro teve como objetivo resgatar e dar continuidade a essa articulação, aproximando novos grupos identificados pelo Brasil e buscando o fortalecimento de suas práticas cotidianas e também enquanto atores políticos fomentadores de relações entre produção e consumo mais próximas, justas e solidárias. O encontro ainda pretendeu abrir espaço para a construção coletiva da identidade bem como de propostas que buscam consolidar essa rede estimulando uma atuação mais integrada entre os Grupos de Consumo Responsável (GCRs).

Nos meses que antecederam o encontro, estivemos em contato com os grupos para pensarmos juntos sobre a pauta, a programação, as dinâmicas das atividades e as expectativas para o encontro. Durante essa construção, interagimos bastante por e-mail principalmente através da lista de discussão em que todos os GCRs que participaram do encontro estavam representados, mas também por meio de reuniões virtuais e algumas conversas presenciais, quando possível. Além disso, recorremos ao resgate dos registros do que foi o I Encontro, com o intuito de refletir sobre como avançamos, quais eram os desafios e perspectivas dos grupos. Esse esforço prévio trouxe subsídios para a definição e realização das atividades do encontro e colaborou para conhecermos melhor o cenário de onde partimos.

No relatório a seguir encontra-se boa parte da produção do encontro (que foi sistematizada pela Regiane Nigro). Ele está estruturado em ordem cronológica, exceção feita às atividades-extras propostas em formato de roda-de-conversa por representantes dos GCRs. As observações referentes à própria dinâmica do encontro *estão grafadas em itálico* para auxiliar a distinção entre o encadeamento das atividades e a produção coletiva, apresentações ou fala dos participantes. Boa leitura!

Equipe Kairós

Programação

A programação é fruto da construção dos GCRs, do Instituto Kairós e parceiros ocorrida na lista de discussão por e-mail, em conversas e questionários, e sistematizados na seguinte proposta pela equipe do Kairós:

<u>1º Dia: 23/08/2013</u> - De onde partimos				
Horário	Atividade			
14h00	Chegada no local do evento, recepção dos participantes e almoço			
15h45	Apresentações, reconhecimento e expectativas dinâmica de apresentação dos participantes e reconhecimento do grupo expectativas para o encontro			
17h00	Acordos, programação e metodologia - contexto do encontro, programação proposta e acordos			
18h00	Resgate do que já construímos como Rede de Grupos de Consumo - retomada do último encontro (relatos, plano de ação) - avaliação do que avançamos, em que pé estamos?			
19h30	Jantar			
20h30	Atividade optativa: Bate-papo sobre o que é mercado para a economia solidária, a partir da ótica dos grupos de consumo Responsável: Diogo Rego – RedeMoinho			

	<u>2º Dia: 24/08/2013</u> - Onde estamos					
Horário	Atividade					
7h30	Café da manhã					
8h30	Aprofundamento nos avanços e dificuldades vividos pelos Grupos de Consum Responsável					
	GTs MOMENTO 1 – Foco: Experiências dos Grupos de Consumo Trocas de experiências sobre o tema, considerando as principais conquistas e dificuldades. Definir 3 destaques.					
	Grupos de Trabalhos Temáticos: 1. Identidade e papel político: motivações, princípios, valores, políticas públicas 2. Produção: escolha dos produtos, relação com produtores 3. Logística: fluxo de produtos e pedidos, recebimento e armazenamento 4. Gestão: divisão do trabalho, formação de preço, viabilidade 5. Comunicação e educação: formação dos consumidores, aproximação produtores e consumidores e avaliação do trabalho.					
10h15	Lanche					
10h45	GTs MOMENTO 2 – Foco: Experiências dos Grupos de Consumo Novos GTs: Grupos de Trabalho de socialização dos temas Socializar os 3 destaques discutidos no GT temático.					
11h45	GTs MOMENTO 3 – Foco: Rede de Grupos de Consumo Discutir as questões: 1) O que queremos com a Rede? 2) Quais são os objetivos da Rede?					

12h30	Almoço		
14h00	Continuidade MOMENTO 3		
14h30	Plenária: Apresentação dos GTs (sobre questões Momento 3) e discussão		
16h30	Lanche		
17h00	Apresentação do projeto Kairós/SENAES e discussão Responsáveis: Kairós e parceiros - como o projeto e suas ações podem fortalecer a construção da Rede?		
19h00	Jantar		
20h30	Oficina optativa: Práticas de utilização do software de gestão dos Grupos de Consumo Software em fase de testes na Rede Guandu (Piracicaba/SP) Responsáveis: Hugo Melo e Lucas Vignoli Contribuição da experiência da Rede Ecológica (Rio de Janeiro/RJ): Aline Almeida		

	3º Dia: 25/08/2013 - O que queremos, deliberações e próximos passos				
Horário	Atividade				
8h30	Mesa: Os desafios do acesso da população de baixa renda a alimentos de qualidade e as experiências dos Grupos de Consumo Responsável Experiências dos GCRs: MICC e Rede Tapiri Compras públicas da Agricultura Familiar: Ana Flávia Badue				
10h30	Lanche				
11h00	GTs Ações e Agenda Comum: O que podemos fazer como Rede?				
	Discutir a questão: - Quais ações podemos realizar como Rede? Identificar 3 ações principais.				
12h30	Almoço				
14h00	Plenária: ações e agenda comum				
16h00	Avaliação do encontro				
16h30	Lanche				
17h00	Saída do transporte				

Participantes

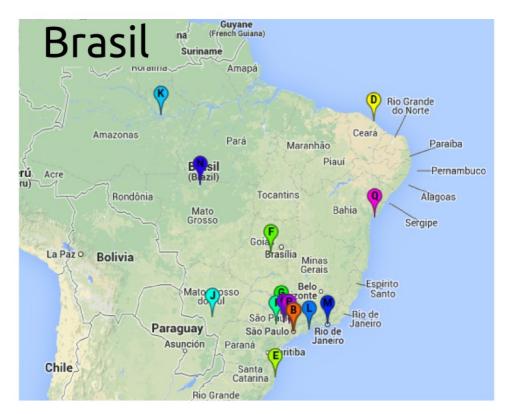
16 Grupos de Consumo Responsável e 4 entidades de apoio participaram do encontro.

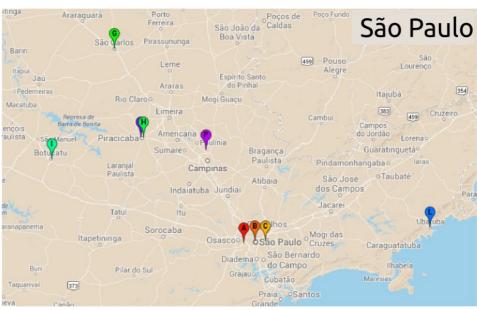
Instituição / Grupo de Consumo Responsável (clique no nome para visitar o site do grupo)	Representante	Cidade/UF
Rede Tapiri	Tatiane Valente	Manaus/AM
RedeMoinho Cooperativa de Comércio Justo e Solidário	Diogo Rêgo	Salvador/BA
Grupo de Consumidores Responsáveis do Benfica	Fernanda Rodrigues	Fortaleza/CE
Grupo de Compras Coletivas de Dourados	Juliana Nogueira	Dourados/MS
Siscos – Sistema de Comercialização Solidária /Instituto Ouro Verde	Aline Nava	Alta Floresta/MT
Compras Ecossolidárias	Eduardo Cordeiro	Florianópolis/SC
Rede Terra Viva	Daniele Oliveira	Belo Horizonte/MG
Rede Ecológica	Aline Almeida Julia Stadler	Rio de Janeiro/RJ
ComerAtivaMente	Fabiana Ribeiro Mariah Salgado	São Paulo/SP
Consumo Consciente ABC	Victor Dimitrov	S.Bernardo do Campo/SP
Direto da Roça	Morgane Retière	Piracicaba/SP
Giramundo	Anna Carolina Santana	Botucatu/SP
MICC - Movimento de Integração Campo Cidade	Flavio de Castro	São Paulo/SP
WICC - MOVIMENTO de Integração Campo Cidade	José Santana	São Paulo/SP
Rede Agroecológica Caiçara	Isabel Viegas Silvia Vega	Ubatuba/SP
Rede Guandu	Rick Badra	Piracicaba/SP
Terra Mater	André Toshio Iamamoto	Piracicaba/SP
Trocas Verdes	Malu de Andrade Benini	Campinas/SP
Preface	Lucas Vignoli Hugo Melo	Campinas//SP
Eita - Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão	André Monteiro Fernanda Nagem	Brasil
Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)	Ligia Bensadon	Brasília/DF
Instituto Kairós	Ana Flávia Badue Arpad Spalding Juliana Gonçalves Luigi Verardo Regiane Nigro Thais Mascarenhas Vinicius Nascimento	São Paulo/SP

1º dia: de onde partimos

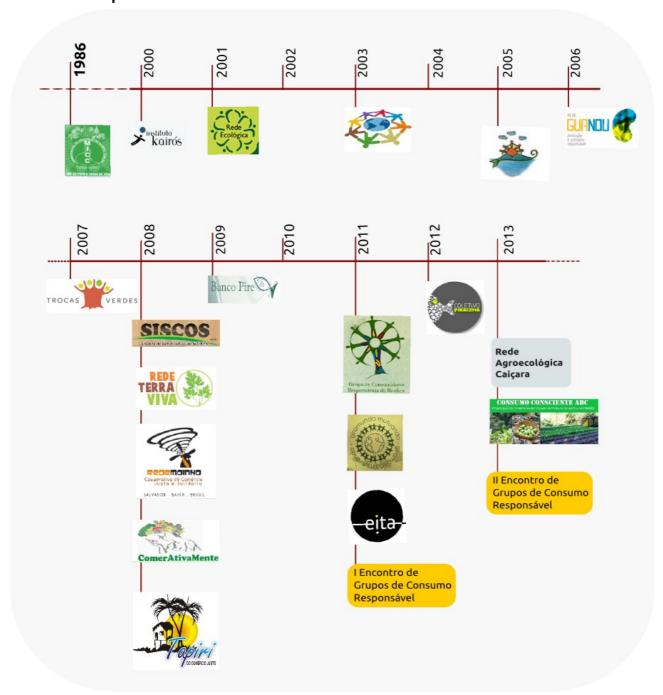
Depois da chegada dos participantes, confecção própria de crachás para identificação de cada um e apresentação dos documentos expostos no espaço, iniciamos o encontro com uma dinâmica para nos apresentar. Primeiro, os participantes se localizaram em um mapa imaginário de sul a norte do país. Depois se enfileiraram por ordem de data de fundação de cada grupo para criar uma linha do tempo. Por último, demos um passo a frente para cada tipo de produto comercializado.

Localização dos grupos no mapa





Linha do tempo



Tipos de Produtos

A maior parte dos grupos operam com hortaliças e não-perecíveis. Para as hortaliças, a frequência é em geral semanal, aumentando-se o intervalo de pedidos no caso dos não-perecíveis. Outros produtos citados foram: lenha, serviços culturais, serviços (cozinha, faxina), mudas de plantas, sacola retornável, DVD, bebidas alcoólicas.

Depois de nos apresentar pela localização, idade dos grupos e tipos de produtos comercializados, tratamos das expectativas para o encontro. As expectativas haviam sistematizadas um mês antes do encontro a partir da troca de e-mails no e-grupo e conversas com alguns representantes de GCRs sobre os objetivos de um novo encontro entre eles.

Expectativas e objetivos do encontro

O objetivo do encontro seria dar continuidade à aproximação dos grupos de consumo responsável articulados pelo Brasil buscando o **fortalecimento em suas práticas cotidianas** e também enquanto atores políticos fomentadores de relações entre produção e consumo mais próximas, justas e solidárias.

Para isso, precisaremos organizar **momentos de troca de experiências**, aprofundando as práticas, suas fragilidades e potencialidades, e de reflexão sobre as mesmas explicitando nossas intenções e caminhos escolhidos.

- 1. Partir da retomada do que já começamos a construir no I Encontro.
- 2. Discussão e fortalecimento das práticas, avaliando avanços e dificuldades.
- 3. Troca e sistematização de experiências.
- 4. Discussão sobre o consumo responsável e estratégias de fomento e formação no tema.
- 5. Fortalecimento da identidade da rede e avanço em ações articuladas entre os grupos de consumo.
- Refletir e construir caminhos para que as ações do projeto do Kairós contribuam para o fortalecimento dos grupos de consumo.

Novas expectativas levantadas

Em seguida à leitura do texto, fomos convidados a expressar outras expectativas ainda não contempladas na sistematização anterior ao encontro.

- Além da Rede Nacional, fortalecer redes regionais para ajudar/trocar com novos grupos de consumo (território): pensar na lógica territorial, redes regionais – como em Piracicaba, Campinas, Americana...
- Buscar entender o que leva distintos atores sociais (consumidores, produtores, gestores) a participar dos coletivos de consumo consciente.

- Construir junto à execução do projeto um fortalecimento das ações do movimento de economia solidária.
- Como os grupos de consumo podem fortalecer o movimento de Economia Solidária, FBES e o Cirandas?
- Como popularizar os Grupos de Consumo não apenas para a classe média? Como diferenciar os Grupos de Consumo de internet?
- Recuperar o histórico dos grupos que não existem mais. Quais foram as razões para o fechamento (internos e externos)? Houve continuidade em outros grupos?
- Por que alguns grupos n\u00e3o crescem em n\u00e4mero e em frequ\u00e9ncia?

Apresentação sobre Parelheiros

Para contextualizar a escolha do local do encontro, foi feita uma apresentação sobre a região de Parelheiros, onde fica o Centro Paulus. A apresentação foi feita por Arpad Spalding, do Kairós.

O distrito fica na região Sul da cidade de São Paulo, que representa 24% da área da cidade. Se caracteriza pela presença de mata atlântica, pequenos produtores agrícolas e reservas ambientais. Tem um papel importante no ecossistema da cidade, sendo responsável por resfriar o clima e produzir 1/3 da água que abastece a metrópole.

Além das já conhecidas ocupações irregulares de áreas de manancial e dos problemas advindos com a construção do Rodoanel, a construção de um aeroporto particular para jatinhos ameaça ainda mais o manejo da área.

São mais de 400 produtores que vivem da atividade na área, sendo que 30 deles vêm experimentando o processo de conversão agroecológica. O Instituto Kairós vem acompanhando esse processo e construindo com parceiros a possibilidade do estabelecimento de uma Organização de Controle Social (OCS) municipal como sistema participativo de garantia. Hoje quatro produtores já são certificados.

Entre os avanços citados estão a Casa do Rosário, galeria de arte localizada no Centro Paulus, o Grupo de Educação Ambiental e Grafiti, o Grupo Afro e o potencial para turismo como atividade a ser desenvolvida.

Como parte do trabalho de acompanhamento dos produtores na região, o Kairós conseguiu estabelecer a participação deles em duas feiras em parques municipais – Modelódromo do Ibirapuera e Parque Burle Marx.

Contexto do encontro

Juliana Gonçalves apresentou o contexto da chamada para o encontro.

O Kairós existe desde 2000 e trabalha com pesquisa e intervenção na área de Economia Solidária e Comércio Justo, com ênfase no consumo responsável. Começou fazendo sensibilização de consumidores em escolas. Em 2004 se aproximou da economia solidária. A partir de 2008, o amadurecimento institucional os levou a aproximar da outra ponta, a produção, e entender o consumo como parte da cadeia comercial. A atuação se dá em todas as pontas da cadeia – aproximando dos atores, construindo canais alternativos para o escoamento da produção da agricultura familiar e criando caminhos para a prática do consumo responsável, o controle social na alimentação escolar, entre outros.

Participou também de iniciativas de grupos de consumo. Com a Rede Sementes de Paz, na época um grupo de consumo, constituíram um núcleo de consumo com o Instituto Pólis. Houve também uma iniciativa que buscou viabilizar o acesso a produtos de assentamentos do MST. Desde então, a reflexão sobre o que é comum aos grupos de consumo e as maneiras criativas de resistir também fazem parte de sua atuação.

Em 2011, no âmbito de um projeto com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), organizaram o I Encontro dos Grupos de Consumo Responsável, em que se decidiu pela formação da Rede de Grupos de Consumo Responsável.

No final do ano passado, alguns grupos os provocaram a participar do edital de redes de cooperação com a proposta de articulação com os Grupos de Consumo Responsável. O projeto foi aprovado e financia esse encontro. Prevê como atividades: uma oficina de comercialização para membros dos grupos de consumo, a elaboração de um portal do consumo responsável, a dinamização da plataforma do Cirandas e o estabelecimento de "bases de serviços de economia solidária". Esse projeto será apresentado no dia seguinte.

Em seguida foi apresentados e discutidos a programação do encontro e os acordos para a metodologia. Determinamos quem seriam os "guardiães do tempo", pessoas que cuidaram de chamar as outras nos intervalos entre as atividades durante todo o encontro e o "cabide", que é um cartaz exclusivo para anotação de discussões que não foram tratadas num dado momento.

Regate do que já construímos como Rede de Grupos de Consumo

A atividade seguinte foi o resgate da recente história da articulação dos Grupos de Consumo. A apresentação foi feita por Thais Mascarenhas e complementada pelo relato de diversos participantes.

Em 2009, alguns grupos de São Paulo se encontraram em eventos no SESC, entre eles Sementes da Paz, Trocas Verdes, Gandu e Família Orgânica. Notaram que mesmo em contextos distintos os desafios eram parecidos, principalmente o tempo gasto com a gestão de pedidos. A principal ação coletiva resultante do encontro foi o início do desenvolvimento do sistema pedidos (a ser melhor apresentado a frente), que continua até hoje.

De 2009 a 2010, o levantamento de perfis de Grupos de Consumo Responsável realizado pelo Kairós indicou a existência na época de 17 grupos, atuando em 11 estados.

Em 2011, aconteceu o I Encontro de GCRs, que contou com a participação de 13 grupos, vindos de 8 estados, além de técnicos de Bases de Serviços e outros atores da política territorial, ligados à Secretaria de Desenvolvimento Territorial no Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA), financiadora do projeto que possibilitou o evento. Ao final do encontro, foi construído um Plano de Ação com diversas ações distribuídas pelos seguinte os eixos: apoio à produção; incidência em políticas públicas; ferramentas; informações, dados e conhecimento; identidade, difusão, comunicação e educação.

De 2011 até agora alguns grupos que participaram do I encontro terminaram: CooperEcosol/RS, Triambakam/SC, GiraSol/RS.

Outros grupos se aproximaram da Rede, quase todos participando do presente encontro: MICC (São Paulo/SP); Rede Terra Viva (BH/MG); Rede Tapiri de Comercialização Solidária do Amazonas (Manaus/AM); CSA Brasil; Grupo de Compras Coletivas ligado ao Banco Pirê (Dourados/MS); Rede Agroecológica Caiçara (Ubatuba/SP); Direto da Roça (Piracicaba/SP); Consumo Consciente ABC (SP).

Novos grupos foram indicados para se entrar em contato: Teresópolis e Juiz de fora (contato da Rede Ecológica); Bem da Terra de Pelotas/RS; grupo da Idalina (SC); grupo Cantasol no MT (Siscos), grupo em Curitiba (Rede Guandu).

Apenas o MICC (associação) é formalizado. E a RedeMoinho (cooperativa) está em processo de formalização. Segundo o relato de Diogo Rego, a tentativa de formalização da RedeMoinho ainda enfrenta dificuldades porque a junta comercial tem dificuldade em aceitar produtores e consumidores associados.

À noite, houve uma atividade optativa, organizada pelo Diogo Rego, da RedeMoinho.

2° dia: Onde estamos

Nesse dia, estavam previstas uma série de atividades em Grupos de Trabalho escolhidos pelos participantes de acordo com sua afinidade com o tema proposto. Foram mantidos os temas levantados no I encontro, que eram: identidade/papel político, produção, logística, gestão e comunicação/educação. Posteriormente, os GTs continuariam o debate sobre os objetivos da Rede de Grupos de Consumo Responsável.

GTs - Foco: Experiências dos Grupos de Consumo por tema

O primeiro momento foi o reconhecimento de fragilidades e potencialidades do trabalho dos GCRs em cada tema, o que deu base para a primeira troca de experiência do encontro. Depois de narrar como acontecem as atividades dos GCRs, cada GT destacou 3 desafios no seu tema específico: identidade/papel político, produção, logística, gestão, comunicação/educação.

O quadro abaixo é o resultado final apresentado por cada GT posteriormente:

GT Identidade e Papel Político	GT Produção	GT Logística	GT Gestão	GT Comunicação e Educação
Fortalecer a organização i		alecimento dos		o como prática de rede.

Suporte para a continuidade dos grupos

Avançar na integração de produtos e serviços

Simplificar processos (comunicação, logística, tecnologia)

Autogestão como prática de rede.

Estabelecer um processo de comunicação para garantir o fluxo constante de informação que propicie conhecimento mútuo e a partir da comunhão dessas identidades se possa construir um posicionamento político e proporcionar avanços nos processos de gestão. Uma rede transversal com atuação macro e micro que se retroalimente, fortalecendo os GCR individualmente para que juntos possam fortalecer o movimento.

Firmar as identidades	Novos Mercados:	Sede: explorar	Estrutura de	Como encontrar
com autocrítica e em	possibilidade de	espaços públicos,	gestão x	sinergias e ações
processo constante	mercado ou inserção	parcerias com centros	Autogestão: como	comuns entre GCRs
	em outros mercados	culturais, escolas etc.	equilibrar alguma	e compartilhar:
			estrutura interna que	
	 troca de produtos 			entre sistemas de

Incentivar a transição agroecologica	Formação de um	The second secon	r as iniciativas coletivas de o responsável
Fomentar a formação (conscientização)			arcerias com entidades, s e campanhas nacionais
Reforçar o argumento do não desperdi Fortalecer campanhas, moviment ligadas `a saúde	Divulgar o ent integrado `a pi	endimento do consumo rodução	
Articular pessoas e possibilitar o Organização que no: diálogo. Não estar só visibilidade social.	s permita atingir	Criação e div visibilidade	ulgação de materiais para
Popularizar a discussão Articulações políticas	e econômicas	Ações e divulgaço (transgenicos, ag	ão de contrapropaganda rotoxicos)
	iar as ações dos grupos tir do reconhecimento da olítico		eventos nacionais - erar alternativas
entre redes		facilitem o fluxo de	informação
– feiras, instituiçõe		pessoas, a transmissão de	instrumentos/materia
públicas e privadas	3	funções e ao mesmo tempo não engessar	experiências; dados
		o funcionamento autogestionário do grupo?	ferramentas de comunicação
			articulação com outro

Desafio: como as tecnologias sociais dos grupos de consumo podem ampliar a base social do consumo responsável, alcançando as diversas classes sociais	Assistência Técnica: - financiamento para agricultores e/ou para redes e grupos - Organização de Controle Social (OCS)/ Sistema Participativo de Garantias (SPG) - transição agroecológica	Transporte: logística casada* (encontrar para o GCR aproveitando um "circuito de cargas" como feiras, restaurantes etc). Incentivar a associação entre produtores para facilitar a entrega coletiva. * "logística solidária": aproveitar o retorno do transporte (produtor retorna com produtor para distribuir em outros núcleos) e pessoas voluntárias para transportes	Sistematização: há demanda pela sistematização das atividades internas de gestão para auxiliar a rotatividade de funções.	Formação e informação contínua entre produtores e consumidores: - precificação - consumir o que está na época (educação para o gosto / divulgar receitas e uso dos produtos) benefícios à saúde e ao meio ambiente conhecer os produtores.
Autogestão e aproximação entre produção, comercialização, consumo e serviço	Manutenção de jovens no campo: - turismo rural de base comunitária - atividades complementares (computação, administração) - participação nos espaços políticos, redes de consumo.	Fluxo de pedidos: compartilhamento de tecnologias sociais (eletrônicas/manuais).	apesar de delicado, alguns modelos já foram experimentados: com produto, desconto, crédito em produtos.	Sistematização da experiência e utilizar materiais com outros atores, organizações, coletivos para atingir mais a sociedade e divulgar.

Em seguida, no que chamamos de momento 2, os participantes de um GT se mesclavam aos outros formando novos GTs. Cada novo GT tinha a participação de pelo menos um membro de cada GT temático para compartilhamento dos destaques e do que foi discutido no momento 1.

GTs Momento 3 - Foco na Rede

Ainda em grupos de trabalho, tivemos acesso a uma série de documentos que foram sistematizados anteriormente e que se encontram anexos a este relatório:

- as conquistas e desafios apontados pelos próprios grupos por meio da ficha de apresentação respondida como preparação do encontro;
- documentos retomavam o I Encontro: plano de ação tirado e textos de apoio utilizados em 2011.

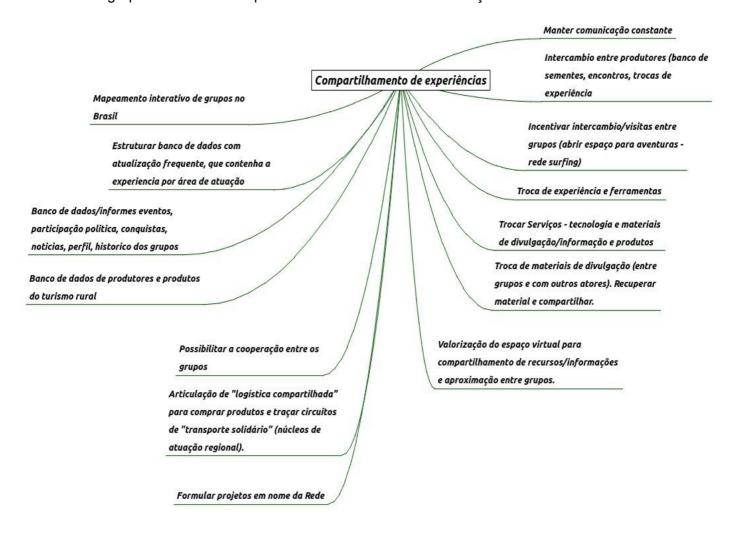
A proposta era responder duas questões: O que queremos com a Rede? Quais são os objetivos da Rede?

Embora nenhum GT tenha formulado uma resposta exata para as duas questões, muitos temas, ações e objetivos foram levantados e escritos em tarjetas para serem depois apresentados no coletivo. Durante a apresentação, foi criado um quadro buscando aproximar os temas comuns. Os mais abrangentes ajudaram a formular o objetivo geral e os objetivos específicos e os mais específicos ajudaram a formular linhas de ações da Rede.

Apresentação do projeto: "Produção e consumo responsável nas redes territoriais: cooperação e articulação federativa para o comércio justo e solidário"

O projeto surgiu de uma articulação entre grupos de consumo e entidades parceiras, que tiveram a ideia de responder ao edital da Edital de Chamada Pública SENAES/MTE n.º 004/2012: "Apoio e fortalecimento de redes de cooperação constituídas por empreendimentos solidários em cadeias produtivas e arranjos econômicos territoriais e setoriais de produção, comercialização e consumo sustentáveis e solidários." O Instituto Kairós aceitou ser o proponente do projeto, que foi contemplado.

Em linhas gerais, o projeto tem como objetivo promover e fortalecer o comércio justo e solidário e o consumo responsável por meio do apoio e articulação da Rede de Grupos de Consumo Responsável. Para isso, tem ações de articulação da rede e de acompanhamento mais direto de grupos de consumo que atuem como "bases de serviço de economia solidária" BS-



ecosol (definidas a partir das bases de serviço e comercialização – BSC, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, política com a qual os GCRs interagiram no I Encontro, em 2011). Além das bases, está previsto o desenvolvimento de um portal do consumo responsável.

A meta das bases de serviço é fortalecer as redes territoriais por meio da atuação na execução de planos de ação por parte dos grupos de consumo junto aos empreendimentos econômicos solidários (EES), entendidos como os produtores associados aos grupos de consumo.

METAS E ATIVIDADES

ATIVIDADES · Coordenar, gerir e monitorar as Coordenação, gestão e monitoramento 1. GESTÃO atividades Visitas periódicas a EESs Fortalecer as redes territoriais por meio 2. ATUAÇÃO DAS da atuação das BS-Ecosol na execução Encontros entre EES e consumidores 5 BS-Ecosol de seus planos de ação junto aos EES Assessorar e orientar as BS-Ecosol na 1 encontro sobre comercialização com 3. ACOMPANHAMENTO sua atuação junto às suas redes técnicos das BS-Ecosol e EESs DAS BS-Ecosol territoriais Visitas técnicas às BS-Ecosol Desenvolver e implementar o Portal do Desenvolvimento do Portal do 4. PORTAL DO Consumo Responsável - espaço de Consumo Responsável CONSUMO RESPONS. comercialização virtual de produtos da Suporte para uso - Portal e CIRANDAS ES e de promoção do CR 2 encontros da Rede 5. ARTICULAÇÃO DA Articular e fortalecer a Rede Nacional de 1 publicação REDE Empreendimentos de Produção e Consumo Responsável

Algumas dúvidas e observações feitas durante o debate sobre o projeto :

- Quais são os beneficiários do projeto? A determinação do público-alvo atende grupos de consumo e produtores. Para as ações das BS-ecosol, não foram determindos ainda quais serão os grupos.
- Como foi a escolha dos grupos apoiadores? Fazia parte do edital que o proponente enviasse cartas de apoios dos integrantes das redes apresentadas. Assim, o Instituto Kairós fez uma mobilização via telefonemas e e-mails para recolher cartas de adesão. Essas cartas inclusive definiam o valor final do projeto quando aprovado.
- Existe uma publicação prevista no projeto. É possível adaptá-la para um vídeo apresentando os grupos de consumo? O Instituto Kairós vai estudar essa possibilidade, mas não existe garantia no projeto.

- Como é a contratação das bases? As bases devem desenvolver ações de assessoria aos EES. A contratação será de pessoa jurídica, feita via edital. Cabe a elas gerir o recurso, desde que garantam as atividades ligadas à meta, determinadas em plano de trabalho a ser construído junto com o Instituto Kairós.
- Podemos estudar a possibilidade de articular ações com outros dois projetos: Faces (sistema de comércio ético e solidário) e Centros de Formação em Economia Solidária (CFES) para ampliar o número de encontros. O Kairós faz parte do GT de Produção, Comercialização e Consumo Solidário do projeto da Rede CFES e da comissão gestora nacional do Sistema Nacional do Comércio Justo e Solidário (CGN-SCJS), pelo FACES do Brasil. Ou seja, já existe diálogo nesses espaços.
- Há uma proposta para distribuição regional das bases? É preciso lançar edital para contratação das bases. Alguns elementos a serem levados em conta nessa contratação são: o apoio dos grupos na concepção e envio do projeto (cartas de adesão, etc), "estabilidade" dos grupos, número de empreendimentos atendidos com beneficiários de baixa renda, entre outros. É preciso verificar os requisitos do edital e o que ainda está sendo construído. Há a possibilidade de os grupos contratados contemplarem outros grupos.
- É preciso olhar para as regiões pouco atendidas. A pergunta foi para salientar a ausência de projetos assim na Região Norte. A Rede precisa fazer essa autocrítica de se pensar em regionalização e potencializar o que podemos fazer virtualmente e atingir o maior número de realidades Brasil afora. As bases também devem ter que atuar com o bolsa-família.
- No plano de trabalho deve-se contemplar o fortalecimento das redes locais. É possível ampliar a abrangência do recurso incluindo no plano de trabalho de cada base o apoio a outros grupos.
- Falta transparência para socializar esses editais. Quem faz trabalho de base todos os dias não sabe quais editais foram lançados. O edital da SENAES não era específico para grupos de consumo. Qualquer rede de comercialização poderia enviar o seu projeto. Quando decidimos enviar, entramos em contato com todos os grupos de consumo que tínhamos identificado.

Aline Nava (SISCOS) e Tatiane Valente (Rede Tapiri) descreveram as experiências de suas instituições, que já foram contratadas como base de serviços (BSCs) do MDA.

A experiência da SISCOS como base do MDA na ação territorial atingia 16 municípios, mas atendemos com ações contínuas 6 municípios. Os custos com transporte são altos. A produção e comercialização atuou com mercados diversos: feiras, grupos de consumo, mercados institucionais.

É preciso que seja instituição local com atuação territorial e contratá-la para assessoramento técnico de grupos de consumo. A seleção dos grupos era por edital. É delicado contratar uma

base, precisa haver mecanismos para verificar o trabalho delas. Os editais foram construídos na região e os grupos reconheciam uma determinada instituição. Elas realizavam apoio ao grupo de consumo e acompanhamento dos produtores, com elaboração e execução do plano de negócios. Uma assessoria de articulação que puxava o projeto. Não financiamento para equipamentos, apenas para recursos humanos. Um dos trabalhos mais importantes era incidir sobre os órgãos públicos para ajudar acessar aos recursos do PNAE, PAA, entre outros. A finalidade de tudo isso é dar apoio ao que já se faz na prática.

A Siscos sempre trabalhou com os grupos de consumo e produtores. O requisito era pra assessorar outros grupos para além do grupo de origem da base como articulador de várias formas de comercialização: PNAE, PAA e feiras. É importante que as bases de serviço contratadas tenham um compromisso maior com a rede para fazer que esse dinheiro se multiplique.

O projeto prevê também ações de dinamização do Cirandas, que foram apresentadas pela Lígia Bensadon, da Secretaria Executiva do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), que também explicou como acontece a discussão do tema do consumo responsável no FBES.

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária é o principal articulador do movimento no nível nacional. Seu objetivo é fortalecer a economia solidária, lutar pela proposição de políticas públicas para a área e articular outros movimentos afins. Está organizado em todo o país em mais de 160 Fóruns Municipais, microrregionais e estaduais, envolvendo diretamente mais de 3.000 empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária.

Nas plenárias nacionais do movimento, o consumo solidário aparece em propostas esparsas no documento final, principalmente no que se refere à criação de cadeias produtivas que incluíam a comercialização, o intercâmbio e trocas de conhecimento e produtos.

A partir da quinta plenária nacional, em 2012, o tema é colocado como eixo do movimento, denominado "Bem-viver, cooperação e autogestão por um desenvolvimento justo e sustentável".

Lígia coloca a questão de como levar essa pauta para o movimento de Economia Solidária com mais força.

Um dos caminhos é a apropriação do *cirandas.net*, plataforma cujo objetivo é oferecer ferramentas de *internet* para potencializar o fluxo de saberes, produtos e serviços da economia solidária; oferecer ferramentas para a constituição de consolidação de redes e cadeias solidárias; ser um espaço de divulgação da economia solidária e de busca de seus produtos e serviços para consumidores individuais e coletivos (públicos, privados e grupos de consumidores) e permitir a interação entre vários atores em comunidades virtuais e espaços territoriais, temáticos e econômicos.

Cada empreendimento cadastrado no Cirandas tem direito a um site totalmente gratuito, e lhe dá acesso a expor produtos, galeria de fotos, fale conosco, cesto de compras, possibilidade de se articular com outros empreendimentos e com consumidores em rede, e uma visibilidade mundial para sua história, composição e identidade.

Existem duas formas de cadastrar o empreendimento no portal:

- O empreendimento participar do mapeamento realizado pela SENAES/MTE em parceria com os fóruns estaduais de economia solidária.
- O empreendimento ser indicado pelo fórum estadual (procedimento aberto até 09/setembro).

O levantamento apresentado da participação de GCRs no portal demonstra que 2 GCRs usam o sistema de pedidos pelo site, 3 tem sites ou comunidades desatualizadas, 3 tem sites inativos e 10 ainda não ativaram nenhuma forma de contato no portal.

Para entrar no Cirandas os empreendimentos devem ser certificados como pertencentes à Economia Solidária.

Foi discutida ainda a ação da criação e desenvolvimento do Portal do Consumo Responsável.

É no cirandas que se desenvolve a ferramenta de pedidos online para GCRs, e a intensificação de seu uso fez parte de diversos encaminhamentos, como se vê a frente, na descrição da "Atividade Extra – Práticas de utilização de softwares de gestão nos Grupos de Consumo".

3° dia: Plano de Ação

A atividade inicial proposta para o 3º dia de encontro pretendeu trazer para o debate "Os desafios do acesso da população de baixa renda à alimentos de qualidade e as experiências dos Grupos de Consumo Responsável (GCR)", no sentido de se refletir sobre como consumidores de baixa renda poderiam participar de GCRs, quais são as dificuldades para tornar isso viável e como enfrentá-las. Para tanto, pudemos contar com a contribuição de dois Grupos de Consumo Responsável (MICC e Rede Tapiri) cujas experiências incluem a interação com consumidores menos favorecidos. Ao final, Ana Flávia do Kairós travou um diálogo com as práticas dos GCRs trazendo outras referências para o debate como as compras públicas e as feiras agroecológicas.

Posteriormente nos reunimos em plenária para fechar uma definição de objetivo geral da rede, construir em GTs o plano de ação, aprová-lo e encaminhar ações novamente em plenária.

Apresentação das experiências dos GCRs que atuam com consumidores de baixa renda

Movimento de Integração Campo Cidade (MICC)

O senhor José Santana apresentou o histórico do grupo mais antigo a participar do encontro, relacionando sua experiencia de atuação na periferia da cidade de São Paulo.

É uma associação que existe desde 1986 e começou com a motivação de ajudar assentados da reforma agrária e posteriormente os pequenos produtores, ao mesmo tempo em que inseria produtos de qualidade na cidade, conhecia e conscientizava consumidores sobre o papel do consumo no campo.

Em 1986, a Rede de Apoio à Reforma Agrária – RARA fez os primeiros contatos com o MST, que estava no auge das ocupações. Havia a preocupação da volta ao campo, em resposta ao êxodo rural e o MICC preparava as pessoas para voltar ao campo. O primeiro assentamento contatado foi o de Itapeva. A primeira venda foi de produtos na festa da padroeira da comunidade e depois a venda do feijão do assentamento. Houve um episódio em que uma reintegração de posse despejaria 90 alqueires de feijão plantado, ação impedida pela divulgação do MICC.

O MICC acredita que "não se faz reforma agrária justa sem a consciência do povo da cidade", por isso realiza reuniões 4 vezes por ano com o produtores. São dois encontros perto do produtor e dois na cidade.

Todo trabalho é voluntário e tem ligação com a paróquia. Hoje são 600 kits (cestas com oito produtos da época) distribuídos através de igrejas, postos de saúde e associações. São 40 grupos, em cada local há um responsável pelas entregas que são quinzenais.

Outra atividade já tradicional é o curso de alimentação, porta de entrada para novos integrantes do grupo. A multimistura, uma farinha de 28 tipos de semente para combater a desnutrição infantil, é feita pelos voluntários do curso.

A feira promovida pela entidade acontece na periferia de São Paulo, na Zona Leste, aos finais de semana, depois da entrega dos kits de cestas encomendadas. O ciclo é quinzenal: sexta-feira ocorre a compra, sábado a entrega de produtos e domingo as feiras.

Atualmente sentem dificuldade para adquirir produtos orgânicos, o produtor acaba fornecendo para o governo e não tem assistência técnica para aumentar a área plantada. São 153 famílias assentadas em Iperó que fazem parte de três grupos que trabalham sem agrotóxico.

Rede Tapiri

Tatiane Valente apresentou a experiência da Rede Tapiri, de Manaus/AM no estabelecimento de grupos de comercialização solidária em bairros de baixa renda.

É uma articulação composta por Grupos, Associações, Cooperativas de Economia Solidária, um conjunto de organizações não governamentais, parceiros na organização de "bases" de empreendimentos que visa estabelecer parcerias entre si, por meio de relações justas e solidárias nos processos de produção, logística, comercialização e consumo de produtos e serviços, dentro dos princípios da Economia Solidária. A Rede Tapiri atua em 5 territórios e 34 municípios do Amazonas.

Em 2006, alguns grupos de Economia Solidária discutiam a dificuldade de comercializar. Os produtos produzidos não eram consumidos nem mesmo pelos membros dos empreendimentos. Para refletir sobre essa questão, constituiu-se o grupo de trabalho PCC–Produção, Comercialização e Consumo. A partir da constituição deste grupo, começou a realização intensa de feiras itinerantes com momentos formativos sobre o porquê consumir os produtos dos empreendimentos.

No ano de 2007, 26 empreendimentos de Manaus tiveram a iniciativa de criar uma rede de comercialização hoje chamada de "Rede Tapiri de Comercialização Solidária do Amazonas".

Em 2008, muitos empreendimentos procuraram a Rede Tapiri querendo fazer parte dela. Nesse mesmo ano, a organização da Campanha da Fraternidade gerou recursos para organizar uma loja localizada no centro da cidade, no entanto, o projeto ficou paralisado por razões burocráticas. A expectativa criada de ter um local de comercialização e o fechamento da loja desmobilizou o grupo.

Buscou-se então modificar a estratégia e trabalhar a comercialização para as periferias da cidade de Manaus. A criação do primeiro espaço físico de comercialização em 2011, no bairro Terra Nova (Zona Norte de Manaus), possibilitou novamente discutir a necessidade de ampliar o consumo consciente. No final daquele ano, foi feita uma convocatória a moradores do bairro em que se discutiu a criação de um Grupo de Consumo Consciente voltado a famílias de baixa renda para a garantia de uma alimentação melhor para as pessoas daquela localidade.

Nestes últimos anos, o grupo de consumo Tapiri vem agregando 165 famílias com, em média, 800 consumidores dos produtos oriundos dos empreendimentos participantes. Já foram realizadas 23 oficinas mensais de trocas de saberes com diversos temas: reaproveitamento das sobras; economia doméstica; como se tornar um agricultor urbano; quebrando as barreiras do consumo; aprendendo um pouco mais sobre agricultura, entre outros. O público das oficinas é constituído por mulheres entre 16 a 45 anos, mantenedoras das famílias, a área se caracteriza pela alta vulnerabilidade social.

Como é o funcionamento ?

Toda semana é divulgada uma lista de produtos através de mensagens de texto, e-mails e cardápios impressos para os moradores. Os pedidos podem ser feitos por mensagens SMS ou anotadas. Depois de coletados, os pedidos são repassados aos empreendimentos. As entregas são feitas em cada núcleo às sextas e sábados. O pagamento pode ser mensal, quinzenal ou no

ato da entrega, e são feitos em três modalidades a vista, em moeda social (Auak) e a prazo. Há uma taxa de 15% do valor do produto que fica para a loja.

A participação dos consumidores se dá no planejamento bianual e planejamento das oficinas para o semestre seguinte. O grupo de consumo tem reuniões mensais, com a coordenação feita pelos membro Loja Tapiri.

Os próximos passos são a criação de 4 novos espaços de comercialização e 4 grupos de consumo consciente no Amazonas. A Rede Tapiri conta com a parceria com a Tipiti, que é uma Organização de Controle Social (OCS) para entrar nos orgânicos com mais enfase. Já são 8 grupos produtores de orgânicos certificados ou em transição e 20 famílias que praticam agricultura urbana.

Articulação e estímulo para que a agricultura familiar que atua como fornecedora do GCR participe de outras modalidades de comercialização e interação com políticas de SAN e outras de CR

A partir da experiência do Instituto Kairós, Ana Flávia apresenta outras modalidades de comercialização e interação com políticas de Segurança Alimentar Nutricional (SAN) e outras políticas.

A atuação dos GCRs contribui para garantir a democratização do aceso e a viabilidade econômica para o produtor e, portanto, de democratizar o acesso já que o preço fica menor. Mas existem outras formas de buscar viabilidade dos produtores, ampliando ainda mais o acesso de consumidores com menor poder aquisitivo.

Feiras

Em 2010, o Kairós em parceria com outras instituições e buscando maior aproximação e parceria entre produtores e consumidores, organizou Espaço da Cultura de Consumo Responsável no Tendal da Lapa, um centro cultural municipal, na cidade de São Paulo. Para a realização da feira, foi fundamental uma grande articulação de organizações da sociedade civil e governamentais, afim de possibilitar a superação dos diversos desafios para o estreitamento da relação entre produtores e consumidores e também a realização de feira em espaços públicos.

Essa experiência não deu certo, após um ano, no local, mas possibilitou o entendimento de que o Kairós precisava articular com outros atores que realizavam feiras orgânicas para conseguir que a prefeitura apoiasse sua realização e abrisse espaços como parques e praças. Conseguiuse, após uma grande mobilização, que fosse editada uma portaria que possibilita a realização de feiras orgânicas e de agricultores em conversão para produção orgânica que aderirem ao protocolo da Guarapiranga. Esse acontecimento abriu precedentes para a criação de novas feiras na capital, com agricultores paulistanos comprometidos com a produção agroecológica, e sobretudo possibilitou a união das várias entidades que antes atuavam isoladamente organizando

feiras orgânicas para seus associados (AAO, ABD, ANC e MOA).

A primeira ação conjunta destas entidades, juntamente com o Kairós e o Slow Food, foi tentar realizar a Feira de orgânicos no Parque do Ibirapuera, mas o Conselho Gestor do parque não aprovou o local escolhido. Acabou-se encontrando uma área melhor no Modelódromo do Ibirapuera, onde funciona o Clube da Comunidade (CDC, ao lado do Parque Ibirapuera, com estacionamento no local, banheiros e um lugar muito arborizado e com diversos atrativos para crianças). Lá realizamos a feira aos sábados de 7h às 13h e também diversas atividades como o "Chef na Feira", Rodas de Conversa, piquenique com a Casa do Brincar etc. São cerca de 30 barracas, representando cerca de 200 produtores.

Atualmente o Instituto Kairós propôs e está empenhado a participar da construção do processo com a Supervisão de Abastecimento para que ela possa ser uma OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade) municipal.

Outra luta também é buscaar garantir a prioridade para produtores orgânicos que quiserem espaço em feiras públicas municipais convencionais, mas isso tem sido ainda uma dificuldade pela reserva de mercado dos feirantes convencionais. Outra questão colocada é que feiras são ótimas para as vendas, mas há a necessidade de se prestar atenção para a politica de funcionamento das feiras, como ela é gerida e como se distribui o espaço entre os feirantes.

Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)

Existem alguns desafios no acesso às políticas de aquisição de alimentos: falta de organização entre produtores e planejamento da produção para atender diversidade de mercados e PNAE, PAA; a dificuldade de logística de transporte, estocagem de alimentos e/ou centros de distribuição; a inspeção sanitária; tributação e isenção de ICMS; unificação da informação sobre produtores e a sua disponibilidade de produtos e falta de assistência técnica que ajude no planejamento da produção para o fornecimento ao PNAE e que estimule o abastecimento de culturas sazonais e do resgate da cultura alimentar na alimentação escolar.

O Instituto Kairós desenvolveu em parceria com o MDA uma cartilha sobre o "Controle Social na Alimentação Escolar" para ajudar a inserção de produtos da agricultura familiar via PNAE. A cartilha traz os 10 passos sugeridos pelo MDA, desde a produção até a entrega dos alimentos na escola, e agrega mais 5 passos que tratam da recepção dos alimentos na escola até o seu consumo pelos alunos, educação alimentar e a fiscalização e acompanhamento do processo na escola.

Através de seminário promovido pelo Kairós, AAO, Instituto 5 elementos e 3 vereadores (Natalini, Nabil e Ricardo Young), na Câmara de Vereadores, foi realizada em maio deste ano uma oficina sobre Compras Públicas da Agricultura Familiar Agroecológica, quando foi apresentada a exitosa experiência do estado do Paraná na compra de produtos da Agricultura Familiar. O volume

de compras é próximo ao do município de São Paulo (1,800mi de refeições por dia na cidade). Eles desenvolveram um software funciona de acordo com a oferta apesar da compra ser centralizada e que poderá ser agora usado por outras prefeituras pois receberam o prêmio de tecnologia social. A partir da oficina, o modelo do Paraná também tem servido como referência para a prefeitura de São Paulo.

Destaca-se também a interação do Kairós com outros atores políticos para ampliar ações e contribuir em políticas públicas de apoio à Agricultura Familiar. No nível municipal, o Kairós participou da elaboração da **portaria que prevê permissão de realização de feiras orgânicas em parques municipais**. Essa foi uma conquista de espaços públicos para feira orgânica. Ana Flávia ressalta que falta grupos de produtores novos para aproveitar o potencial aberto pela portaria. Além disso, tem ajudado a implementar a <u>Plataforma de Apoio a Agricultura Orgânica no município de São Paulo</u> (e como um dos resultado já decorrentes, está em tramitação um Projeto de Lei de orgânicos na merenda de SP; pautou-se no plano de metas e no novo plano diretor do município as demandas da Plataforma). No nível estadual, o Kairós também apoia a Frente parlamentar de Apoio a Produção Orgânica e Defesa da Agroecologia, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Algumas dicas para se obter mais informações sobre a agricultura familiar na alimentação escolar:

Site MDA: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf

Site Fundo Nacional Desenvolvimento da Educação (FNDE), sobre alimentação escolar, com informações sobre os Conselhos de Alimentação Escolar (CAEs) e o funcionamento do programa: http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-alimentacao-escolar

Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), onde se encontra o Cadastro dos produtores orgânicos: http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/cadastro-nacional

Outras questões destacadas que poderão influenciar a produção da agricultura familiar:

- **1- Uma nova classificação dos alimentos:** Está para ser publicada a pesquisa "Implicações para avaliação de dietas, promoção de saúde e bem-estar e prevenção e controle de obesidade e de outras doenças crônicas não transmissíveis", do Prof. Dr. Carlos Monteiro, no Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (NUPENS), da Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de São Paulo, em parceria com outras Universidades do mundo. Nela, propõe-se uma nova classificação de alimentos, tendo como base o nível de processamento dos mesmos:
 - Grupo 1 Alimentos: Incluem alimentos não processados e os minimamente processados.
- Grupo 2 Ingredientes Culinários: São substâncias extraídas dos alimentos, como óleos, gorduras, farinhas, féculas e açúcar, ou obtidas na natureza, como o sal.

- Grupo 3 Produtos alimentícios: Podem ser processados ou ultraprocessados, além de incluírem bebidas alcoólicas.
- **2- Projeto de lei das cantinas escolares:** Projeto de Lei Federal que ainda deverá ser votado na Câmara, que proibirá a venda de bebidas com baixo teor nutricional ou alimentos com quantidades elevadas de açúcar, de gordura saturada, de gordura trans ou sódio.

Objetivos da Rede

Na retomada do formato de plenária, retomamos a discussão do dia anterior sobre os objetivos da Rede. Partiu-se da proposta elaborada pelo Kairós a partir das tarjetas e discussões anteriores, que foi avaliada coletivamente e aprovada, com algumas ressalvas a serem discutidas posteriormente. Das tarjetas utilizadas no dia anterior que respondiam às perguntas sobre o que queremos com a Rede e quais são seus objetivos, foi proposta a seguinte redação para o objetivo geral da Rede:

Articular os grupos de consumo responsável para o fortalecimento de suas ações, a troca de conhecimentos e experiências e a construção de ações conjuntas tanto no âmbito das práticas de comercialização e consumo responsável como em atuações políticas e formativas.

Um grande "cabide", ou tema importante a ser tratado em outro momento, foi apontado nesse ponto: a qualificação da atividade dos GCRs, como prática de que tipo de consumo (responsável, consciente, sustentável, solidário, formativo, educativo, ecossolidário?). Optou-se por manter o "responsável" nesse momento por ser importante qualificar o consumo (e não deixá-lo mais amplo, sem qualificador). Por outro lado, foram apontadas ressalvas quanto a outros qualificadores, como o "consciente", muito utilizado pelas empresas, com o caráter de mudanças de hábitos individuais e negando a proposta questionadora e transformadora relacionados à estrutura da sociedade em que vivemos. Sem tempo para expor todas as concepções e limites que cada qualificador destes evoca, decidimos pautá-lo em outra ocasião.

Plano de Ação

A partir da sistematização das discussões do dia anterior, as tarjetas foram reagrupadas e reescritas, quando necessário, nos 4 objetivos específicos, que se depreendem do objetivo geral acima. Assim, foram propostas algumas linhas de ação para cada objetivo. O quadro com os objetivos específicos e linhas de ações foi discutido, completado e modificado em plenária. E serviu como base para o novo trabalho em GTs, em que os participantes se dividiram a partir de qual objetivo específico (e as respectivas linhas de ação) gostariam de discutir e detalhar as

ações, o "como fazer". No retorno à plenária, cada GT apresentou sua proposta de ações, que segue no quadro abaixo:

Objetivos	Linhas de Ação	Como Fazer
específicos		
		Mapear os perfis e grupos existentes e antigos,
	Fortalecer a organização	por região, para registrar os históricos e
	interna dos grupos de consumo.	identificar pessoas, dificuldades, soluções etc
1. Fortalecimento		(Formulários em google docs).
das ações dos	Suporte para a continuidade	Sistematizar as formas de gestão e logística dos
grupos de	dos grupos.	grupos de consumo visando se conhecer,
consumo	dos grupos.	organizar e promover trocas de experiências.
	Sistematização das	Incentivar e apoiar projetos de pesquisa
	experiências atuais e anteriores	acadêmica sobre os temas dos grupos de
	experiencias atuais e anteriores	consumo.
2. Compartilhar	Ter mapeamento interativo	Cada grupo de consumo deve preencher uma
conhecimentos e	atualizado dos grupos de	tabela de produtores, fornecedores e rotas para
experiências	consumo.	visualizar possíveis compras conjuntas (google
constantemente		docs).
		Conversar com o IDEC* / EITA sobre o
		mapeamento.
		*O IDEC mantém um mapeamento de feiras
		orgânicas e grupos de consumo, no entanto não
		há atualização de dados dos grupos (ver em
		http://www.idec.org.br/feirasorganicas).
		Estruturar as informações das fichas na
		comunidade
	Fazer trocas de informações	Alimentar a agenda na comunidade e socializar
	sobre: produtos, produtores,	contatos dos GCRs. Compartilhar os softwares
	experiências, ferramentas,	usados.
	metodologias e tecnologias,	Todos terem seu perfil no Cirandas e entrar na
	materiais de divulgação, ações	comunidade.
	políticas, notícias e eventos,	Criar na comunidade do Cirandas um quadro de
	como exemplo, mantendo a	demandas dos GCRs.
	comunicação constante com	
	banco de dados e outros	

	espaços virtuais.	
	Organizar logística	Levantamento de produtos, demandas,
	compartilhada para compra ou	transportes e outras informações (banco de
	troca de produtos.	dados).
3. Ações		Ações conjuntas para práticas de
conjuntas para a		comercialização.
prática de	Fortalecer circuitos curtos de	Desenvolver o mapa interativo no portal.
comercialização	comercialização, produção e	Grupos se incluírem no Cirandas.
e consumo	consumo justo e solidário.	
	Incentivar intercâmbios: entre	Aprofundamento de preços incluso na oficina de
	grupos, entre produtores (banco	comercialização.
	de sementes etc).	Participação nas feiras de trocas de sementes
		(a próxima será São José do Rio Preto).
4. Ações	Incidência em políticas públicas:	Estimular os integrantes dos GCRs a ocuparem
conjuntas	conselhos, conferências, fóruns	os espaços disponíveis. Mapeamento de grupos
políticas e	etc., redes locais e	que participam e onde - políticas públicas,
formativas	associações.	instituições e redes locais, associações.
		Mapeamento dos espaços políticos em seus
		locais de atuação (Conseas, CAEs,
		Conferências Territoriais de Ecosol e Temáticas
		etc. Encaminhamento - Participar das
		Conferências Territoriais e Temáticas de
		Comercialização no próximo ano.
		Avaliação da consulta pública do Guia Alimentar
		de forma coletiva Encaminhamento -Consolidar
		a opinião da Rede e disponibilizar para
		divulgação pelos GCR (Ana Flávia vai
		compartilhar).
		Apoiar campanhas existentes: Campanha
		contra agrotóxicos
		Encaminhamentos: Divulgar nos diversos
		espaços dos GCR, participar das reuniões da
		Campanha, e eventualmente ajudar na
		arrecadação para a campanha.
	Fomentar a formação e	Compartilhar praticas de formação internas
	comunicação (Interna).	Encaminhamentos: Rede Moinho e Kairós
		repassarem o que esta sendo discutido no NT

	de produção comercialização e consumo dos
	CFES para a Rede.
	Portal ter espaço para compartilhar
	metodologias e ferramentas de formação.
Fomentar a formação externa	Realizar vídeo coletivo das experiencias da rede
divulgar e popular promover	Encaminhamentos: a Rede vera formas de
parcerias, ações e divulgação	viabilizar e o Kairós vera possibilidade de
com entidades/ campanhas/	inserção no projeto .
movimentos nacionais	Realizar pesquisa de preço mensal comparativa
(incluindo campanhas ligadas à	(GCR e outros mercados e Agroecológico x
saúde, o não desperdício, o	convencional). Encaminhamento : Morgane se
consumo responsável, a	dispôs a coord.
transição agroecológica,	Pensar em uma ação anual de Campanha
contrapropaganda, etc).	coletiva no mesmo dia em todos os locais.
	Encaminhamento :Planejar a ação para o
	próximo ano (por exemplo no dia mundial de
	alimentação)

Finalmente, olhando para o plano de ação, destacaram-se algumas atividades a serem realizadas por Grupos de Trabalho formados pelos participantes de maneira voluntária. A lista de atividades e os inscritos em cada uma delas segue abaixo:

Encaminhamentos

GT Mapeamento	Reformular questionário elaborado pelo	Isabel (Rede Agroecológica Caiçara),
de perfil	Kairós, solicitar preenchimento pelos	Julia (Rede Ecológica),
	grupos de consumo.	Anna (Giramundo),
		Malu (Trocas Verdes)
GT Produção	Executar ações de "logística	Arpad (Kairós),
	compartilhada" entre GCRs.	Victor (ConsumoABC)
GT Software	Acompanhar e interagir com	Hugo (Preface),
	programadores responsáveis pelo	Aline Almeida (Rede Ecológica),
	desenvolvimento do sistema de pedidos	Toshio (Terra Mater),
	que é plugin do Cirandas.	Compras Ecosolidárias (a indicar),
		Kairós (a indicar)
GT Portal	Definir requisitos e acompanhar	Luigi (Kairós),
	desenvolvimento do portal dos Grupos	Fabiana (Comerativamente),

	de Consumo a ser desenvolvido pelo	Hugo (Preface),
	projeto do Kairós.	Kairós (a indicar),
		Lígia (FBES),
		Aline Almeida (Rede Ecológica)
GT Vídeo	Projetar um vídeo de divulgação dos	Tatiane (Rede Tapiri),
	grupos de consumo, conseguir	Juliana (Kairós),
	financiamento e acompanhar execução.	Fabiana (Comerativamente),
		Diogo (RedeMoinho),
		Fernanda Rodrigues (GCR Benfica)
GT Campanha	Programar e mobilizar agenda unificada	Objetivo assumido a partir de 2014
Coletiva	nacional para divulgar alimentos	
	orgânicos e o consumo responsável.	
GT Projeto	Acompanhar as definições e ações do	Aline Nava (SISCOS),
	projeto em andamento executado pelo	Diogo (RedeMoinho),
	Kairós	Tatiane (Rede Itapiri),
		Rafaela (Rede Ecológica),
		Flávio (MICC),
		Toshio (Rede Guandu),
		Kairós (a indicar)

Avaliação

Encerramos o encontro com uma rodada de falas de avaliação que pesaram expectativas, agradecimentos e perspectivas.

Diogo Rego: Parabeniza o processo de preparação anterior ao encontro e diz que foi importante para que ele fosse apropriado pelos participantes. Elogia a sistematização feita durante as atividades pela coordenação.

Julia Stadler: Estava pessimista antes do evento porque a Rede não funcionou nesses últimos 2 anos, mas diz que surpreendeu e que trabalhamos bem, com qualidade na discussão e paixão. Bota fé que as coisas vão sair. Sobre a estrutura de realização do evento, acha que não é bem o nosso perfil, precisamos gastar menos e estar mais perto da nossa realidade dos nossos grupos com um pouco menos de conforto e menos com as "cabeças" do que com as bases.

André Toshio: Lembra do processo e as condições do primeiro encontro e até aqui. Diz que

tinham saído do plano das ideias e depois quando voltaram foram engolidos pelo dia a dia e assim as ideias não se realizaram. Agora, com a perspectiva de um projeto por trás da rede, com o apoio das bases de serviço, acredita que todo esse processo seja facilitado.

Tatiane Valente: Diz que percebeu que há muita coisa já construída e que seu grupo tinha impressão de que estavam fazendo tudo novo, e que estavam sozinhos. É importante ter espaço para discutir isso: como trazer mais gente das bases para ouvir? É muito bom saber de tudo que acontece nos outros grupos e te faz ir pra casa com a energia renovada. O projeto das bases de serviço foi pensado para esse coletivo, tem grupos que participaram dessa construção. precisamos se preparar para incidir sobre editais e pautar o poder público.

Fernanda Rodrigues: Conta que encontrou algumas possíveis soluções para problemas das feiras trocando experiências. A questão dos preço ser mais acessível motiva a pensar numa solução para a baixa renda, que é o sonho. Foi educativo no sentido de que temos pouco tempo de dedicação e contamos com voluntariado e no sentido de mostrar que existem alternativas. Acha que podemos buscar recurso para ajudar no intercâmbio com uma entidade que apóia o Terrazul, o Terra do futuro. Pode-se colocar a proposta na assembleia de 2014 para que o financiamento seja aprovado em 2015.

Eduardo Cordeiro: Está bastante feliz. Conta que nenhum integrante do grupo viria por conta de compromissos pessoais, mas achou importante vir por ter estado desde o começo na Compras Ecossolidárias. Acredita que a nova sociedade vem dos embrião do que se realiza agora e acredita nessa via de transformação. Acha bom fortalecer uma Rede. Deveria haver tempo para que cada grupo se apresentasse, mas não houve um momento para cada exposição de cada experiencia, faltou cada um se conhecer mais. Há uma centralização nos grupos e é realmente necessário socializar o que se passou aqui com as bases. Pede que a sistematização ajude a cumprir este papel. Tem crítica forte à institucionalização, mas ao mesmo tempo acredita em aproveitar as brechas do sistema. Precisamos aprofundar o problema dos grupos. Ter em mente os encontros da Rede Ecovida, da Via Campesina que reúnem 3 mil produtores. Precisamos ganhar amplitude de território - quanto maior melhor. Fica sempre fica feliz em compartilhar a experiência e ter a sensação de que não estão sozinhos.

Fernanda Nagem: Agradece pela organização, pela qualidade da alimentação no encontro. Do ponto de vista pessoal, diz que é sempre muito gratificante participar de espaços em que crescemos e fazemos trocas produtivas. Como EITA, participa desde o começo do projeto de bases de serviço e sabe que o evento cumpriu o papel de fortalecer a Rede. A EITA está no processo de construção da Rede fortalecendo a discussão que é muito cara para eles.

Luigi Verardo: Agradece a disponibilidade de todos em abandonar o dia a dia e jogar energia dentro do encontro. Sai gratificado e acredita que definimos coisas concretas. No entanto, a avaliação vai ser feita nos próximos meses. Essa é a verdadeira avaliação: o que vai mudar na nossa vida? Fundamental é criar essa inteligencia coletiva.

Thais Mascarenhas: Esse encontro deu muita liga, o que o anterior não conseguiu dar, e sai fortalecido com ações amarradas e que fazem mais sentido do que anteriormente. A Rede só vai acontecer se cada um fizer acontecer.

Além da rodada livre de avaliação para quem quisesse se colocar, foi entregue uma ficha de avaliação do encontro para todos os participantes, com as seguintes questões: o que manteria, o que mudaria e o que proponho, a serem respondidas considerando a preparação, a logística e infraestrutura, o conteúdo e a metodologia. As respostas servirão como subsídio para organizar o próximo encontro.

Atividades Extras

Duas atividades optativas foram colocadas na programação, propostas pela RedeMoinho e pela Preface. Elas foram realizadas após o jantar e contaram com a presença da maioria dos participantes do encontro.

Bate-papo sobre o que é mercado para a economia solidária, a partir da ótica dos grupos de consumo

Proposta por Diogo Rego

Esta atividade foi gravada pelo Diogo, porém não foi sistematizada.

Práticas de utilização de softwares de gestão dos Grupos de Consumo Proposta por Lucas Vignoli e Hugo Melo Contribuição da experiência da Rede Ecológica (Rio de Janeiro/RJ): Aline Almeida

a) Grupo de trabalho do sistema online de gestão de grupos de consumo integrado ao Cirandas - Lucas Vignoli e Hugo Melo

Histórico: Desde uma reunião entre GCRs em 2010, houve um pacto para se começar o desenvolvimento de um software de gestão de pedidos para grupos de consumo. A iniciativa foi voluntária e compartilhada, assim como a decisão de se começar o sistema e depois conseguir financiamento para remunerar o trabalho dos desenvolvedores. Naquele momento, foram descritas as especificações do sistema, que deveriam refletir as etapas típicas do trabalho envolvido desde o cadastro de produtos até a contabilidade final pós-entrega.

Em contato com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), decidiu-se por um aplicativo ligado à rede social de empreendimentos - o *Cirandas.net*. O aplicativo ainda está em desenvolvimento. Sobre a integração no *Cirandas.net*, tem-se a vantagem de contemplar um ambiente maior da economia solidária e com isso atender vários tipos de empreendimentos, além do fato do servidor ser gerido pelo FBES, sem custo para os GCRs. A desvantagem é operar com a integração em um software já desenvolvido e complexo.

O desenvolvimento de versões tem como diretrizes:

- que o sistema seja acessível e exija pouca manutenção;
- baseado em sistemas anteriores (do grupo Trocas Verdes);
- que seja simples como configurar como uma conta de e-mail;

- que seja realizado como uma cooperação entre coletivos para economizar recursos.

O objetivo é que o gerenciamento dos pedidos seja simplificado ao máximo, diminuindo o trabalho da gestão dos GCRs. O sistema parte do conceito de "ciclo de pedidos", que contempla a montagem de uma lista coerente de encomendas, incluindo as taxas praticadas por cada grupo nos preços, determinação de local de entrega, relatórios de pedidos e retificação da contabilidade e estoque pós-entrega.

O ciclo de pedidos ficou especificado de acordo com passos sequenciais: cadastro de produtores e produtos – publicação da chamada – pedidos do consumidor - aceitação/revisão do pedido pelo consumidor - encomendas para os fornecedores enviadas pelos GCRs - recebimentos de produtos - separação virtual dos pedidos - retificação contábil pós-entrega.

Cada tipo de login tem acesso a algumas funcionalidades no sistema. Os administradores são capazes de ver todo o processo. Dividimos esse tipo de permissão em "visão do grupo de consumo" e "visão do cliente".

Visão do Grupo de Consumo

- 1. Entrada no sistema é via login no *cirandas.net*, depois deve-se criar novas comunidades, configurá-las (tem-se a opção de aprovação das pessoas ou de deixar livre a associação, colocar imagem do grupo) e ativar módulo de coletivo de consumo.
- 2. Cadastrar um fornecedor com nome e descrição (o cadastro será ampliado para conter mais dados do produtor futuramente). Há 2 tipos de fornecedores: um que é administrado pelo GCR e outro que é autoadministrado pelo próprio fornecedor cadastrar produtos ligados ao fornecedor com a devida descrição customização dos preços com a adição das taxas do grupo por produto, ou o uso de uma taxa uniforme para todos os produtos. É possível editar produtos durante o ciclo, embora não seja recomendável.
- 3. Clicar em criar novo ciclo de pedidos programar data e horário de início e finalização de pedidos método e data de entrega e mensagem dos e-mails a serem enviados à comunidade e fazer o acompanhamento de pedidos.
- 4. Relatórios Gerados: Planilha para consumidor e planilha por produtor

Visão do cliente

- 1. É preciso realizar o login no Cirandas.
- 2. Os ciclos abertos estarão visíveis depois da entrada na comunidade.
- 3. Visualizar detalhes dos produtos.
- 4. Escolha da quantidade de cada produto da lista edição do pedido confirmação do pedido.

Dúvidas durante a apresentação

Há a possibilidade de gestão de vários núcleos? Essa ação ainda não está contemplada. Não há suporte para criação de núcleos na versão 1.0 porque não são gerados relatórios por núcleo e ainda não permite entrada de produtos para todos os núcleos. A possibilidade para se fazer gestão de núcleos é a criação de uma comunidade por núcleo ou, dentro da mesma comunidade, gerar mais de um método de entrega indicando o núcleo e data a ser entregue.

Seria melhor criar perfil dos GCRs ou criar a comunidade no cirandas? Por conta das exigências de registro de empreendimento, via fóruns de economia solidária ou participação no mapeamento da SENAES, não foi possível operar a ferramenta na interface de empreendimentos. No entanto, para os curadores do Cirandas, os GCRs seriam empreendimentos.

É possível cobrar mensalidade fixa de associados? Não, a solução para GCRs que adotam taxa de associação seria colocar a mensalidade como produto avulso.

É possível mostrar mais dados do cliente na planilha? É importante, porque há impressão da planilha no momento das entregas e o contato com os clientes é necessário. Essa funcionalidade pode ser implementada em novas versões.

E quando ao final da entrega ocorre diferença entre o pedido a entrega do produtor? É importante que as informações reflitam o valor real a ser pago ao fornecedor e eventuais sobras de estoque ou faltas de pagamento. Por isso, o desenvolvimento busca contemplar a possibilidade de retificar a planilha para registrar a situação contábil final geral e por cliente (possíveis créditos ou débitos gerados para o consumidor), como registrar pagamento antecipado e confirmação desse pagamento. A confirmação do pagamento pelo cliente, inclusive contemplando pagamento anterior, posterior, diferente - ainda está para ser implementado. Seria um sistema de conta corrente para o cliente e fornecedor. Botar no sistema que não chegou do fornecedor, visível para o consumidor, resolver pendências, dividir/sortear/resolver manualmente.

Próximos passos planejados pelo grupo de desenvolvedores: para a versão atual o próximo passo é lançar manual de uso e 4 vídeos tutoriais. Desenvolver mais a interface do fornecedor. O projeto da versão completa fecha o ciclo até a análise das entregas, com possibilidade de arranjos produtivos com compras entre coletivos. Para o produtor, haverá descrição, categorização própria dos grupos de consumo (agroecológico, orgânico), uso de tags, possibilidade de compartilhar o contato do produtor com outros coletivos e gerar mapeamentos.

Há ainda a ideia é gerar uma API (*Application Programming Interface*) de comunicação para instalação em diferentes sites.

b) Software Rede Ecológica - Aline Ribeiro de Almeida

Histórico: Devido ao tamanho da Rede Ecológica, formada por cerca de 200 cestantes (consumidores que adquirem cestas de produtos fechadas), distribuídos em 11 núcleos, o trabalho de consolidar os pedidos enviados por planilha consumia semanalmente muitas horas de esforço e trabalho manual, correspondendo a 85% do trabalho realizado pela comissão de pedidos, que consiste em: contato com produtores para confirmação dos produtos disponíveis e preços; divulgação destas informações para os cestantes realizarem os pedidos; consolidação dos pedidos dos cestantes; envio dos relatórios consolidados aos: produtores, responsáveis pela entrega nos núcleos, responsáveis pelo mutirão de distribuição dos perecíveis.

Houve a expectativa de poder utilizar a ferramenta de compras coletivas disponibilizada no Cirandas. No entanto, a existência de diversos núcleos no grupo de consumo (formato de rede capilar) não era tratada na então versão da ferramenta. Foi verificado também que haveria um impacto muito grande para os usuários, devido à mudança significativa da interface da planilha para a interface da ferramenta.

A necessidade de desenvolver uma ferramenta ficou mais urgente depois que a pessoa que cuidava da compilação das várias tabelas advindas dos cestantes iria entrar em férias. A gestão dos pedidos ficaria bastante complicada, podendo-se levar até dias de trabalho para completar essa tarefa. Este fato foi um grande acelerador do processo de desenvolvimento do sistema de pedidos.

O sistema foi desenvolvido em linguagem PHP, utilizando base de dados MySQL, e hospedado no mesmo domínio do site institucional do grupo.

Diretrizes: A ideia é que a ferramenta refletisse o funcionamento da Rede Ecológica, que opera com vários núcleos de entrega e pedidos e que o uso fosse facilitado para que pessoas menos acostumadas com tecnologias de informação pudessem utilizá-lo sem que fosse necessários diversos contatos com o suporte técnico.

Funcionamento: Entra-se no sistema pelo endereço http://pedidos.redeecologicario.org, que é sempre divulgado aos cestantes na Carta Semanal da Rede Ecológica, quando da abertura de chamadas para realização de pedidos. Após o cestante informar seu login e senha no sistema, são listadas as chamadas disponíveis para realizar pedido e também seu histórico de pedidos. Ao selecionar uma chamada, o cestante visualiza os produtos disponíveis e informa as quantidades desejadas. Depois de salvar e confirmar, recebe um e-mail de confirmação.

A comissão de pedidos possui um perfil que permite administrar as chamadas, informando o período de realização do pedido, os núcleos que serão atendidos, e quais produtores estarão disponíveis (entre todos os produtos cadastrados). A lista é a mesma replicada para os núcleos envolvidos com aquela compra. Os pedidos seguem a rotina semanal do grupo, assim como

acompanha a metodologia de pedidos de perecíveis (semanal) e não-perecíveis (mensal). Cada núcleo tem como gerir as informações relacionadas aos cestantes e ao núcleo (como horário e endereço de entrega) e acompanhar os relatórios de pedidos.

Os relatórios gerados são por produtor, por consumidor e por núcleo, e o cruzamento entre esses dados. Os relatórios foram evoluindo com o tempo visando sempre economizar papel.

Dúvidas durante a apresentação

É possível usar o mesmo sistema para outros grupos? Sim, desde que haja alguém que possa implantá-lo em um servidor de hospedagem e configurá-lo de acordo com o funcionamento do grupo interessado.

Observações gerais, cabide e outros destaques

Alguns debates ocorrem durante apresentações e são importantes para compreensão das definições do encontro. Destaco aqui algumas para ser fiel à importância dada pelos participantes, mesmo que não tenham aparecido em tarjetas, definições e redações finais.

Tanto na preparação do encontro, como na fala de alguns participantes a retomada do plano de ação definido em 2011 foi uma orientação. Uma das avaliações correntes sobre o I Encontro é que as definições do Plano de Ação eram bastante exigentes ou abrangentes, e que o trabalho de dar continuidade às definições se perdeu no dia a dia dos participantes, no mais das vezes voluntários com uma série de outras atividades a cumprir. Assim, planejar ações mais com o "pé-no-chão", ou sem "dar o passo maior que a perna" foi um exercício sempre presente, para que a Rede de fato se concretize em ações de fortalecimento da base de GCRs, mesmo que pontuais.

A Rede se fortalece com a ideia de cumprir acordos, dar prosseguimento às ações principalmente de compartilhamento de conhecimento e recursos entre os grupos. A perspectiva se abre quando passa a contar com o recurso do projeto nas açõe das bases de serviço de economia solidária, executado pelo Kairós, para ampliar o alcance dos grupos de consumo responsável ou aprofundar a regionalização.

Há grande concentração de grupos no Sudeste do país. Nos lembra a participante do Amazonas, que o encontro a fez perceber que seu grupo não estava sozinho, já que encontrou outras pessoas que implementam as mesmas iniciativas em contextos tão diversos, contudo nos lembra que é preciso **fortalecer estas iniciativas onde elas são mais escassas**. Ao mesmo tempo regionalizar ações é necessário pelo papel fundamental que a logística tem nesses empreendimentos. O conglomerado de grupos no interior de São Paulo já se articula para promover trocas de produtos, contato de produtores e participação em eventos.

Há muito potencial para se experimentar a logística compartilhada e trocas de produtos. Não foram poucas as propostas de determinar rotas com "logística compartilhada" nacional principalmente para produtos eminentemente regionais. Uma das propostas é a geleia de umbu da Bahia para outros estados.

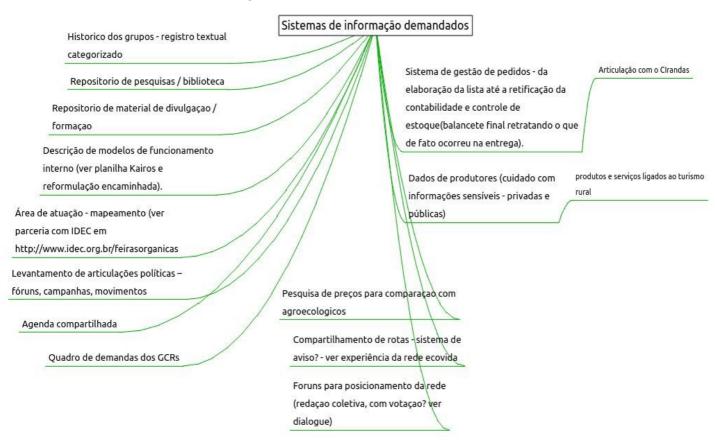
A Rede se teceu em um conjunto de ações que de fato farão sentido quando colocadas em prática. Ficou como "cabide", ou ideias que ainda precisam ser desenvolvidas, o grau de **institucionalização da Rede**. Debate que apareceu com mais força no momento em que se respondia "o que queremos da rede". Em geral, os participantes concordaram que ainda não havia necessidade de se ter uma carta de princípios, ou mesmo definições políticas abrangentes, porque perderiam o característica prática das definições que se desenhavam. Seguiu-se com a definição do objetivo que respalda o plano de ação definido para a Rede.

A falta de consenso apareceu ao se discutir a qualificação do consumo como: responsável,

consciente, sustentável, solidário, ecossolidário e outros conceitos utilizados por cada GCR. Os motivos vão desde a apropriação de algumas dessas palavras por instituições com as quais não se identificam, ou pela divergência conceitual que evoca cada uma delas. Certamente é um debate que não contemplará todos, mas que servirá para aprofundar a identidade dos grupos.

Foi notável que muitas ações definidas no plano **dependem da elaboração ou compilação de sistemas de informação**. Dois GTs, um ligado à ferramenta de pedidos e outro ligado ao portal de consumo responsável previsto no projeto do Kairós, foram indicados para fazer essa interface. Se consumimos softwares assim como alimentos orgânicos, a escolha daqueles em que é possível usar, modificar e compartilhar o código-fonte — o software livre parece ser de fato mais coerente. E muitos sistemas de informação foram demandados no encontro, seja pela necessidade de sistematizar, interagir e trocar de forma coletiva e mais prática, seja para produzir efeitos no cotidiano de cada grupo. Destaco aqui o que pude recolher de toda as partes do encontro.

Sistemas de Informação



Lista de anexos

ANEXO 1 - Documentos de preparação para o II Encontro

- Sistematização das expectativas
- Gráficos do levantamento de perfil dos participantes
- Sistematização das conquistas e desafios

ANEXO 2 - I Encontro dos Grupos de Consumo Responsável

- Resumo do encontro
- Decisão da formação da rede
- Plano de Ação 2011

ANEXO 3 - Fotos